

EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO DEFENSE STYLE QUESTIONNAIRE (DSQ)

Amanda Barbosa Ferrador

Universidade Federal de São Carlos

Recebido em: 06/08/2025

1ª revisão em: 02/0/2026

Aceito em: 31/03/2026

Fabiano Koich Miguel

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO

O Defensive Style Questionnaire (DSQ) é um instrumento de autorrelato destinado à avaliação de mecanismos de defesa, organizados em três categorias: Imaturos, Neuróticos e Maduros. Este estudo buscou evidências de validade baseadas na estrutura interna e na relação com variáveis externas em uma amostra brasileira (N = 1677) que respondeu ao DSQ e outras medidas de saúde mental. A análise fatorial confirmatória corroborou o modelo de três fatores. Mecanismos maduros associaram-se positivamente à regulação emocional, afetos positivos e qualidade de vida. Mecanismos imaturos apresentaram associações moderadas a fortes com sofrimento psicológico, afetos negativos, solidão e alexitimia. A categoria neurótica mostrou associações mais fracas e inconsistentes. Os resultados corroboram evidências de validade do DSQ e indicam que estilos defensivos se relacionam de forma significativa com outros indicadores de funcionamento psicológico. Discutem-se implicações para a avaliação e prática clínica decorrentes da natureza autorrelatada do instrumento.

Palavras-chave: avaliação psicológica; mecanismos de defesa; qualidade de vida; regulação emocional.

CONSTRUCT VALIDITY STUDIES OF THE DEFENSE STYLE QUESTIONNAIRE (DSQ)

ABSTRACT

The Defensive Style Questionnaire (DSQ) is a self-report instrument designed to assess defense mechanisms, organized into three categories: Immature, Neurotic, and Mature. This study sought validity evidence based on the internal structure and relationship with external variables in a Brazilian sample (N = 1677) that responded to the DSQ and other mental health measures. Confirmatory factor analysis corroborated the three-factor model. Mature mechanisms were positively associated with emotional regulation, positive affect, and quality of life. Immature mechanisms showed moderate to strong associations with psychological distress, negative affect, loneliness, and alexithymia. The neurotic category showed weaker and more inconsistent associations. The results corroborate validity evidence for the DSQ and indicate that defensive styles are significantly related to other indicators of psychological functioning. Implications for assessment and clinical practice arising from the self-reported nature of the instrument are discussed.

Keywords: psychological assessment; defense mechanisms; quality of life; emotional regulation.

ESTUDIOS DE VALIDEZ DE CONSTRUCTO DEL DEFENSE STYLE QUESTIONNAIRE (DSQ)

RESUMEN

El Cuestionario de Estilo Defensivo (DSQ) es un instrumento de autoinforme diseñado para evaluar los mecanismos de defensa, organizado en tres categorías: Inmaduro, Neurótico y Maduro. Este estudio buscó evidencia de validez basada en la estructura interna y la relación con variables externas en una muestra brasileña (N = 1677) que respondió al DSQ y otras medidas de salud mental. El análisis factorial confirmatorio corroboró el modelo de tres factores. Los mecanismos maduros se asociaron positivamente con la regulación emocional, el afecto positivo y la calidad de vida. Los mecanismos inmaduros mostraron asociaciones moderadas a fuertes con el distrés psicológico, el afecto negativo, la soledad y la alexitimia. La categoría neurótica mostró asociaciones más débiles e inconsistentes. Los resultados corroboran la evidencia de validez para el DSQ e indican que los estilos defensivos están significativamente relacionados con otros indicadores del funcionamiento psicológico. Se discuten las implicaciones para la evaluación y la práctica clínica que surgen de la naturaleza auto informada del instrumento.

Palabras clave: evaluación psicológica; mecanismos de defensa; calidad de vida; regulación emocional.

INTRODUÇÃO

Quando nos referimos a mecanismos de defesa, estamos nos referindo, direta ou indiretamente, ao processo analítico na clínica. Isso porque, desde S. Freud, entendemos que há uma questão defensiva no processo analítico, em que os pacientes tendem a se defender contra os afetos que ocorrem entre o eu e a pulsão. Apesar da obra de S. Freud ser permeada de ilustrações sobre diversos mecanismos de defesa, atenção especial a esse fenômeno foi dedicada por Anna Freud em seu livro "O ego e os mecanismos de defesa", publicado em 1936. A autora propõe que as razões que incentivam a defesa do eu contra as pulsões estão calcadas em sua defesa contra os afetos, embora aponte que há uma outra e mais primitiva relação entre o eu e os afetos que não tem correspondência entre o conflito existente entre o eu e as pulsões. Caso o eu não tenha algum objetivo em um determinado processo pulsional e, por isso, não rechaça um afeto associado, a sua atitude será inteiramente definida pelo princípio do prazer. Ou seja, acolherá os afetos considerados agradáveis e defender-se-á dos dolorosos (Freud, 1936/2006).

A. Freud (1936) aponta que, a partir de suas verificações na prática clínica, sempre que um processo defensivo é notado em um paciente, há uma dificuldade muito grande, por parte do analista, a tentar removê-lo, porque é despendido um montante de energia que baseia o vigor das resistências. Na análise, há diversas formas em que os mecanismos de defesa podem se apresentar, diferente do que já havia sido originalmente proposto por S. Freud, que chegou a afirmar que a palavra "defesa" deveria ser substituída pelo termo "recalcamento". A. Freud, no entanto, propôs que o recalcamento seria apenas uma das formas de defesa do eu, e não a única forma de o fazer. Isso porque haveria outros processos que servem à mesma finalidade, ou seja, de proteger o eu contra as exigências pulsionais (Freud, 1936/2006).

Nesse sentido, a autora propôs que haveria, na obra do próprio S. Freud, possibilidades de associação entre formas específicas de defesa e determinados diagnósticos psicodinâmicos. Primeiramente, o recalcamento seria conectado à histeria. Em segundo lugar, a regressão, a formação reativa, o isolamento e o "desfazer" do que foi feito seriam mecanismos defensivos típicos da neurose obsessiva. Já os mecanismos de introjeção, ou identificação, e a projeção seriam caracterizados como "mecanismos neuróticos". Por fim, a autora apontou ainda que Freud descreveu os processos de inversão contra o eu e de reversão como "vicissitudes da pulsão". A. Freud (1936/2006) defendeu que estes dois últimos mecanismos deveriam ser considerados como mecanismos de defesa porque toda e qualquer eventualidade a que as pulsões possam estar sujeitas tem sua origem em alguma atividade do eu. Caso não houvesse a intervenção do eu ou das forças externas que ele representa, todas as pulsões poderiam estar submetidas ao destino único da gratificação.

Até este ponto, A. Freud (1936/2006) aponta que nos deparamos com nove mecanismos de defesa que podem ser observados na análise: regressão, recalçamento, formação reativa, isolamento, anulação, projeção, introjeção, inversão contra o eu e reversão. Acrescenta ainda um décimo e último, que seria a sublimação ou o deslocamento dos anseios pulsionais que pertenceria, de acordo com a autora, ao estudo da “mente normal” e não do que ocorreria na neurose. Desse modo, podemos concluir, com base nos estudos de Anna Freud, que ela categoriza o mecanismo de sublimação como associado com pessoas que não apresentam nenhum diagnóstico psicodinâmico. Apesar do caráter didático de diferenciação em qualidades diferentes para os mecanismos de defesa, algo que sabemos hoje é que não há esta diferenciação tão marcada na prática clínica, muito menos a definição de alguém “normal”.

Embora o conceito de mecanismos de defesa tenha emergido no contexto da metapsicologia freudiana, sua operacionalização contemporânea ultrapassa o campo estritamente psicanalítico. Modelos empíricos de organização da personalidade (Bornstein, 2011; McWilliams, 2014) e escalas observacionais como o *Defense Mechanisms Rating Scales – DMRS* (Di Giuseppe & Perry, 2021) têm contribuído para a consolidação de uma abordagem dimensional e fatorial dos mecanismos de defesa. Ademais, investigações desenvolvimentais e pesquisas clínicas sobre personalidade indicam que o funcionamento defensivo pode ser compreendido como um construto passível de investigação empírica sistemática (Cramer, 2006; Westen et al., 2006).

Nesse mesmo sentido, para a literatura contemporânea, o conceito psicodinâmico de mecanismos de defesa é considerado por psicólogos de diferentes abordagens teóricas como importantes para a compreensão do desenvolvimento humano e do funcionamento psicológico (Di Giuseppe & Perry, 2021). Assim, um aspecto significativo foi a inclusão dos mecanismos de defesa no DSM-IV, evidenciando um paradigma mais contemporâneo dos mecanismos de defesa que incluía uma hierarquia organizacional (com a adição de novos mecanismos). Tal organização estaria associada a uma maior ou menor adaptação ao meio em que o sujeito está inserido.

Com o desenvolvimento de escalas de medida de mecanismos de defesa, autores têm promovido uma compreensão mais acurada e válida sobre a metodologia que deve ser utilizada no entendimento do funcionamento defensivo de um sujeito, baseado na hierarquia desses mecanismos de defesa (Di Giuseppe et al., 2020). Esta hierarquia conta com trinta mecanismos de defesa organizados em níveis de maturidade, em que cada um concentra funções gerais que constituem defesas na forma como protegem o eu de ansiedade ou de um senso de conflitos ou ameaças internas ou externas. Além destes níveis, também há o nível 0, que descreve desregulação afetiva, que é chamado de nível de defesas psicóticas. Este último não foi incluído no DSM-IV.

Os níveis defensivos das escalas que abrangem os mecanismos de defesa podem ser organizados em três categorias relativas ao grau de maturidade, que é comumente utilizado para descrever resumidamente o funcionamento defensivo do sujeito (Andrews et al., 1993; Vaillant, 1994). As três categorias de defesa da menos para a mais adaptativa são: 1) imatura, 2) neurótica, e 3) madura. A primeira categoria, que compreende os mecanismos de defesa imaturos, inclui todas as defesas que estão associadas à atuação, negação e distorção de imagem. Este nível ainda pode ser subdividido em duas subcategorias, que incluem as defesas depressivas, que são compostas por: acting out (atuação), “queixosos que rejeitam ajuda” (help-rejecting complaining), agressão passiva, clivagem da imagem do eu, clivagem da imagem de objetos, identificação projetiva, projeção, desvalorização da própria imagem e desvalorização da imagem de outros. A segunda subcategoria são as defesas não-depressivas, que são: negação, racionalização, fantasia autística, onipotência, idealização do eu e idealização de objetos. A literatura aponta que a maior utilização dos mecanismos de defesa chamados de imaturos indica maior vulnerabilidade defensiva do sujeito e a sua escassa consciência dos aspectos emocionais e cognitivos dos conflitos internos ou das situações de estresse externas. Estas defesas inibem a consciência de ideias, sentimentos e ações inaceitáveis, o que levaria o sujeito a utilizá-las como forma de proteção do sentimento de ameaça (Andrews et al., 1993; Vaillant, 1994).

A categoria neurótica dos mecanismos de defesa representa um nível médio de adaptação do sujeito ao meio e inclui as defesas que podem ser constituídas das defesas neurótica e obsessiva. Uma utilização mais frequente desta categoria de defesa descreve a capacidade do sujeito para lidar tanto com as emoções quanto as cognições envolvidas nos fatores de estresse interno ou externo, que podem ser manejados se não ocorrerem mais de um de forma concomitante no psiquismo do sujeito. Essas defesas são importantes para ajudar o sujeito a manter fora da consciência partes do conflito que podem estar associadas a emoções ou desejos, que podem gerar uma ansiedade intolerável, caso sejam percebidos como uma parte integrada da experiência psicológica (Andrews et al., 1993; Vaillant, 1994).

E, por fim, temos os mecanismos de defesa maduros que correspondem a um nível de defesa mais adaptativo, em que as defesas utilizadas também podem ser nomeadas de estratégias positivas de coping em diversos meios teóricos. A predominância de utilização deste tipo de mecanismos de defesa indica uma consciência integrada ou parcial de sentimentos, ideias, desejos e pensamentos associados a um conflito interno ou a uma situação externa estressante. Estas defesas ajudam o sujeito a lidar com as experiências de estresse psicológico por meio da integração de afetos com ideias, e, ao longo do tempo, a otimização e a possibilidade de resolução da causa – seja interna ou externa – da angústia (Andrews et al., 1993; Vaillant, 1994).

Em avaliação psicológica, esta organização hierárquica é utilizada para identificar o nível de maturidade dos mecanismos de defesa de um sujeito por meio dos escores obtidos na escala em cada um dos níveis de categorias defensivas (Martin

et al., 2019). Baseado na definição e função dos mecanismos de defesa, foram desenvolvidas medidas de autorrelato baseadas nas escalas de avaliação dos mecanismos de defesa, utilizando a hierarquia dos mecanismos estipulada. Uma dessas escalas é o Defensive Style Questionnaire (DSQ).

O DSQ é um instrumento para avaliação de derivados conscientes dos mecanismos de defesa do eu, desenvolvido por Michael Bond originalmente em 1983. Foi desenvolvido a partir de uma longa pesquisa associada à necessidade de se construir instrumentos que permitissem o estudo experimental ou empírico dos mecanismos de defesa do eu, descritos por S. Freud e A. Freud (Andrade & Shirakawa, 2006), como descrevemos anteriormente. O DSQ foi adaptado para o Brasil, reproduzindo sua estrutura fatorial de três grupos de mecanismos de defesa, e apresentando adequado funcionamento psicométrico dos seus itens (Andrade & Shirakawa, 2006; Blaya et al., 2007; Carvalho et al., 2014). Contudo, é notório que poucos estudos de validade foram conduzidos em território nacional, podendo-se identificar apenas o estudo de Blaya et al. (2007), que encontrou correlações moderadas a altas com escalas do MMPI (Minnesota Multiphasic Personality Inventory).

A interface entre psicanálise e psicometria permanece um campo em consolidação. Tradicionalmente, os mecanismos de defesa foram compreendidos como processos predominantemente inconscientes, identificáveis no contexto clínico por meio da interpretação. Contudo, instrumentos como o DSQ propõem a avaliação de derivados conscientes desses processos, permitindo que o funcionamento defensivo seja investigado em delineamentos quantitativos e populacionais. Essa transposição metodológica não pretende substituir a escuta clínica, mas oferecer uma fonte complementar de informação para psicólogas e psicólogos de orientação psicodinâmica, especialmente em contextos de avaliação psicológica estruturada. Assim, investigar evidências de validade do DSQ não apenas contribui para a qualificação psicométrica do instrumento, mas também para o avanço do diálogo entre tradição clínica e investigação empírica.

Para o contínuo estudo de validade de um instrumento, é importante a realização de análises psicométricas com outras medidas de avaliação psicológica para que possamos chegar a conclusões mais consistentes. Desse modo, o objetivo deste estudo foi buscar evidências de validade baseadas na estrutura interna e na relação com construtos teoricamente relacionados, a partir de análise fatorial confirmatória e da relação com escores com outras medidas que avaliam construtos psicológicos relacionados. Tivemos como hipóteses, com base nas análises psicométricas de correlação com escores de outros instrumentos: 1) mecanismos de defesa que são relacionados à alta hierarquia nos termos de adaptação ao meio apresentariam correlações com instrumentos que representam melhores índices de qualidade de vida; 2) mecanismos de defesa imaturos estariam mais correlacionados a instrumentos que representam mais sofrimento psíquico ou experiências emocionais negativas.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Os participantes foram 1677 pessoas brasileiras com idades entre 18 e 68,7 anos ($M = 32,01$; $DP = 10,59$), sendo 52,7% do sexo feminino. Em relação ao nível escolar, 6,1% possuíam ensino fundamental, 46,4% possuíam ensino médio, 36,4% possuíam nível superior e 11,2% possuíam pós-graduação. Em relação à região brasileira, 5,8% eram do Norte, 13,8% do Nordeste, 6,7% do Centro-Oeste, 50,5% do Sudeste e 23,1% do Sul.

INSTRUMENTOS

DEFENSIVE STYLE QUESTIONNAIRE (DSQ; BLAYA ET AL., 2007)

O DSQ é um inventário de autorrelato composto por 40 itens com frases sobre situações relacionadas à utilização típica de mecanismos de defesa. O DSQ é recomendado para aplicação no público em geral, necessitando que a pessoa tenha fluência leitora suficiente para compreender as frases do questionário. As frases são pontuadas em uma escala de 1 (discordo inteiramente) até 9 (concordo inteiramente). O índice de precisão para mecanismos Imaturos (22 itens) foi 0,77, para Neuróticos (8 itens) foi 0,54 e para Maduros (10 itens) foi 0,68.

QUESTIONÁRIO ONLINE DE REGULAÇÃO EMOCIONAL (QORE; MIGUEL, 2021)

O QoRE é um inventário de autorrelato composto por 23 itens sobre as experiências positivas e negativas decorrentes da regulação emocional. As frases são pontuadas em uma escala de 1 (nunca) a 5 (sempre). O índice de precisão alfa foi 0,92.

ESCALA DE AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS (PANAS; ZANON & HUTZ, 2014)

A PANAS é uma escala que apresenta 20 estados de humor, sendo 10 positivos e 10 negativos. O participante deve indicar o quanto vem se sentindo daquela maneira em uma escala de 1 (nem um pouco) a 5 (frequentemente). O índice de precisão alfa para Afetos Positivos foi 0,83 e para Afetos Negativos foi 0,88.

SATISFACTION WITH LIFE SCALE (SWLS; ZANON ET AL., 2014)

A SWLS é um inventário de autorrelato breve de cinco itens com frases sobre satisfação com a vida em geral. As frases são pontuadas em uma escala de 1 (discordo plenamente) a 7 (concordo plenamente). O índice de precisão alfa foi 0,86.

WORLD HEALTH ORGANIZATION QUALITY OF LIFE (WHOQOL-BREF; FLECK ET AL., 2000)

O WHOQOL é um questionário composto por 26 itens com frases sobre a percepção de qualidade de vida em quatro principais contextos: qualidade de vida física, psicológica, social e ambiental. As frases são pontuadas em uma escala Likert de cinco pontos. O índice de precisão alfa para qualidade de vida Física foi 0,83, para Psicológica foi 0,88, para Social foi 0,66 e para Ambiental foi 0,82.

ESCALA UCLA DE SOLIDÃO (UCLALS; BARROSO ET AL., 2016)

A UCLALS é um inventário de autorrelato composto por 20 itens com frases sobre experiências angustiantes relacionadas à percepção de solidão. As frases são pontuadas em uma escala de 1 (nunca) e 4 (frequentemente). O índice de precisão alfa foi 0,94.

TORONTO ALEXITHYMIA SCALE (TAS-20; COLOMBAROLLI ET AL., 2019)

A TAS é uma escala de autorrelato composta por 20 itens com frases sobre alexitimia, isto é, dificuldades na compreensão dos sentimentos e utilização de linguagem simbólica. As frases são pontuadas em uma escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). O índice de precisão alfa foi 0,88.

PROCEDIMENTOS

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (CAAE: 14567219.5.0000.5231). A pesquisa foi conduzida completamente de maneira online. Os participantes foram convidados a participar por meio de mídias sociais. Inicialmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi apresentado e, apenas após a concordância, os instrumentos foram disponibilizados para serem respondidos.

Devido à quantidade de instrumentos, a aplicação foi realizada de maneira espiralada. Dessa forma, o DSQ sempre era apresentado inicialmente, com os instrumentos seguintes sendo apresentado de maneira alternada, sendo que o participante tinha liberdade para responder quantos instrumentos desejasse. Por causa dessa configuração, apenas 13,8% da amostra respondeu todos os instrumentos. Não obstante, tomou-se o cuidado para que pelo menos 100 pessoas respondessem cada instrumento, o que, assumindo uma expectativa de correlação mediana (0,30) e nível de significância 0,050, resultaria em um poder estatístico de 92,2%, considerado ótimo.

Após o término das aplicações, as análises psicométricas iniciaram-se com o estudo da estrutura fatorial do DSQ. Como sua estrutura já havia sido proposta nos estudos anteriores, foi utilizada análise fatorial confirmatória para verificar sua permanência. A análise foi conduzida por meio do estimador ML robusto, considerando a natureza ordinal dos itens. Foram adotados como critérios aceitáveis de ajuste: RMSEA menor ou igual 0,10; CFI e TLI maiores que 0,85.

Após isso, foram realizadas as análises descritivas dos instrumentos, a fim de verificar a adequada distribuição de pontuações. Em seguida, realizamos análises psicométricas de correlação de Pearson entre os escores obtidos pelos participantes no DSQ e nos outros instrumentos. O software JASP 0.95.2 foi utilizado para as análises.

RESULTADOS

Inicialmente realizou-se análise fatorial confirmatória com o objetivo de identificar se a estrutura fatorial proposta originalmente para o EDQ se mantinha na amostra desta pesquisa. A estrutura de três fatores foi corroborada, com indicadores de ajuste aceitáveis a bons (RMSEA = 0,05; TLI = 0,89; CFI = 0,92). As associações entre os três fatores mostraram-se baixas (Imaturos x Neuróticos = 0,34; Imaturos x Maduros = -0,05; Neuróticos x Maduros = 0,11), corroborando a proposta do EDQ de avaliar três grupos de mecanismos de defesa independentes, portanto não se utilizando um escore total.

Foram realizadas estatísticas descritivas para os instrumentos da pesquisa. Os resultados estão apresentados na Tabela 1. Para todos os instrumentos, ainda não foram identificadas pesquisas relatando as expectativas normativas para a população brasileira, com exceção do QoRE e TAS. No caso do QoRE, por estar em escore z, percebe-se que a média da presente amostra se mostrou bastante próxima da expectativa normativa (Miguel, 2021). Já no caso da TAS, a pesquisa de adaptação brasileira (n = 850; Colombarolli et al., 2019) apresentou resultados (M = 48,77; DP = 12,95) bastante semelhantes aos encontrados na presente amostra, havendo diferença de média em nível leve (d = 0,35). Com isso, pode-se inferir que a variância de pontuações na presente amostra se assemelha à esperada na população brasileira.

Tabela 1.
Estatísticas descritivas dos instrumentos.

Instrumento	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
DSQ (n = 1677)				
Imaturos	100,58	25,36	34	198
Neuróticos	37,17	10,51	8	72
Maduros	55,81	13,37	14	90
QoRE (n = 249)	-0,02	1,06	-2,82	2,38
PANAS (n = 118)				
Positivos	29,04	7,65	10	46
Negativos	27,83	8,72	10	47

SWLS (n = 119)	16,45	7,23	5	32
WHOQOL (n = 105)				
Física	23,10	5,74	10	35
Psicológica	17,71	5,54	6	28
Social	8,84	2,74	3	15
Ambiental	24,66	5,7	10	37
UCLALS (n = 120)	31,04	13,39	3	56
TAS (n = 101)	53,46	15,46	24	87

A fim de se estudar a validade por construtos relacionados do DSQ, foram realizadas correlações de Pearson com os outros instrumentos. Os resultados estão apresentados na Tabela 2. Pode-se perceber que as correlações dos mecanismos maduros tenderam a ser fortes, indicando experiências emocionais mais saudáveis, positivas e com maior satisfação com a vida. Para mecanismos neuróticos, as correlações tenderam a ser leves ou próximas de nulo, indicando que esta classe de mecanismos pouco se associa a outras medidas de saúde mental, embora apresente uma leve tendência a indicar experiências emocionais mais negativas. Já mecanismos imaturos apresentaram correlações moderadas a fortes com indicadores de experiências emocionais mais angustiantes, menor percepção de qualidade de vida e maior dificuldade de compreensão dos afetos.

Tabela 2.
Correlações entre DSQ e outros instrumentos.

	DSQ Imaturos	DSQ Neuróticos	DSQ Maduros
QoRE (n = 249)	-0,45***	-0,23***	0,48***
PANAS (n = 118)			
Positivos	-0,19*	-0,01	0,48***
Negativos	0,33***	0,24**	-0,45***
SWLS (n = 119)	-0,22*	-0,09	0,47***
WHOQOL (n = 105)			
Física	-0,30**	-0,02	0,52***
Psicológica	-0,40***	-0,16	0,56***
Social	-0,47***	-0,22*	0,26**
Ambiental	-0,34***	0,04	0,30**
UCLALS (n = 120)	0,43***	0,26**	-0,27**
TAS (n = 101)	0,61***	0,23*	-0,34***

DISCUSSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo contribuir para o campo de estudos sobre mecanismos de defesa por meio da análise da validade do Defensive Style Questionnaire (DSQ), uma escala de autorrelato destinada ao público em geral que apresenta situações típicas de mecanismos de defesa específicos, que são agrupados em três fatores: Imaturos, Neuróticos e Maduros. Apesar de o DSQ já ter sido objeto de diversos estudos brasileiros que evidenciaram sua estabilidade fatorial e adequação do rol de itens (Andrade & Shirakawa, 2006; Blaya et al., 2007; Carvalho et al., 2014), até o momento poucas pesquisas foram conduzidas com o objetivo de analisar a relação de seus escores com outros aspectos psicológicos relacionados. Nesse sentido, a estrutura fatorial do DSQ foi estudada, além de serem realizadas correlações entre DSQ e medidas de regulação emocional, afetos positivos e negativos, satisfação com a vida, qualidade de vida, solidão e alexitimia.

No que diz respeito à estrutura fatorial, os três fatores foram corroborados neste estudo. Embora os índices de ajuste tenham sido considerados aceitáveis, é importante ressaltar que modelos fatoriais aplicados a construtos clínicos frequentemente apresentam desafios. Não se pode considerar mecanismos de defesa como processos individuais ou independentes, mas dinâmicos e inter-relacionados, o que poderia implicar em correlações residuais não capturadas pelo modelo. Não obstante, os baixos coeficientes de associação entre os três fatores indicam que, apesar de compartilharem uma base teórica comum, eles apresentam relativa distinção estrutural. Esse resultado sustenta uma interpretação separada dos fatores, em vez da utilização de um escore global, preservando a coerência com o modelo hierárquico originalmente proposto.

Ademais, a independência relativa entre os três fatores sugere que perfis defensivos podem ser heterogêneos. Um indivíduo pode apresentar níveis elevados simultaneamente em defesas maduras e imaturas, refletindo complexidade da estrutura de personalidade. Essa possibilidade reforça a importância de interpretações dimensionais e abrangentes, evitando classificações dicotômicas simplificadoras.

No que diz respeito às relações com outras medidas, e corroborando nossas hipóteses iniciais, os resultados mostraram que a utilização mais frequente de mecanismos de defesa Maduros está associada a maior saúde mental e consciência dos próprios afetos, e mecanismos Imaturos associados a maior sofrimento e angústia. O grupo de mecanismos Neuróticos apresentou menos correlações significativas, e mesmo estas tenderam a ser em magnitude mais leve, inferiores àquelas encontradas para Imaturos e Maduros. Uma possível explicação para esse resultado pode ser a própria proposta de mecanismos neuróticos, que indicam um nível mediano de adaptação, fazendo com que a pessoa seja menos vulnerável a conflitos internos e externos, embora ainda removendo da consciência a origem emocional da angústia (Andrews et al., 1993; Di Giuseppe & Perry, 2021; Vaillant,

1994). Como consequência, seria menos possível prever o nível de adaptação do indivíduo com base apenas na utilização dos mecanismos neuróticos.

Já pela ótica psicométrica, outra possível explicação para as poucas e leves correlações pode ser o índice de precisão relativamente baixo para a escala Neuróticos. Índices baixos de precisão podem ser reflexo de poucos itens naquela escala, contudo esse não parece ter sido o caso, já que as escalas Neuróticos e Maduros possuem 8 e 10 itens, respectivamente, e a segunda apresentou adequada precisão. Outra possibilidade é que haja menor convergência entre a experiência dentro dos mecanismos Neuróticos, com a pessoa experimentando uma variedade maior de mecanismos, diferentemente das categorias Maduros e Imaturos, em que as experiências tendem a ser mais homogêneas (o que se reflete no índice maior de precisão), uma vez que as defesas neuróticas ocupam posição intermediária na hierarquia e podem representar estratégias transitórias ou situacionais (Di Giuseppe & Perry, 2021; Di Giuseppe et al., 2020). Nesse sentido, apesar da relativa estabilidade da estrutura fatorial, futuras revisões do DSQ poderiam incluir novos mecanismos ou então investigar a possibilidade de se dividir a categoria Neuróticos em subcategorias.

Não obstante essas considerações, é possível perceber que há melhores indicadores de saúde mental associados à utilização de mecanismos de defesa mais maduros. Esse resultado pode corroborar prognóstico positivo para psicoterapias focadas no eu e no desenvolvimento de estratégias de regulação emocional. No entanto, deve-se ressaltar que essa informação precisa ser tomada com cautela. A maturidade dos mecanismos de defesa utilizados está diretamente relacionada com a capacidade do eu de suportar a consciência dos desejos e ansiedades associados aos eventos reprimidos. Portanto, forçar o desenvolvimento de mecanismos maduros pode resultar em maior resistência, isto é, se a psicoterapia tentar forçar o desenvolvimento de mecanismos maduros sem primeiro lidar com as questões subjacentes, a pessoa pode resistir a esse processo e, como resultado, recorrer a mecanismos de defesa mais imaturos ou neuróticos como uma forma de proteção (Freud, 1936/2006).

Deve-se haver cautela com interpretações conclusivas que considerem os níveis de maturidade de mecanismos de defesa como indicadores de quão corretos ou adequados eles são para serem desenvolvidos em psicoterapia. A análise dos mecanismos deve estar atrelada ao contexto em que eles são utilizados e o papel que desempenham na saúde mental da pessoa. Por exemplo, embora a racionalização e a negação sejam mecanismos comumente compreendidos como imaturos, o analista ou psicoterapeuta não deve realizar generalizações clínicas para todos os casos em que esses mecanismos possam estar presentes, já que, a depender do caso, os mecanismos podem ser compreendidos de forma diferente do que fora inicialmente proposto. Isso poderia ser ilustrado por casos de traumas e vítimas de violência. Ou seja, a atenção à dinâmica da clínica é primordial antes de qualquer inferência conclusiva acerca de características do sujeito.

Nesse mesmo sentido, deve-se levar em conta a natureza de autorrelato do DSQ. Mecanismos de defesa são tradicionalmente descritos como processos parcialmente ou predominantemente inconscientes, o que evidencia o aparente paradoxo de avaliá-los por meio de autorrelato. O DSQ, contudo, não se propõe a medir diretamente o mecanismo inconsciente em si, mas seus derivados conscientes, isto é, padrões recorrentes de pensamentos, atitudes e justificativas que refletem a organização defensiva subjacente. Não obstante, é possível que indivíduos com maior insight psicológico apresentem respostas mais acuradas, enquanto aqueles com funcionamento defensivo mais rígido possam subestimar ou distorcer seus próprios comportamentos. Dessa forma, recomenda-se que os resultados do DSQ sejam interpretados como indicadores de estilo defensivo percebido, devendo ser integrados a outras fontes de informação, como entrevista clínica ou medidas observacionais (Bornstein, 2011; Shedler, 2010).

Por fim, apontamos algumas limitações no presente estudo. Uma delas diz respeito à composição da amostra. A quantidade de participantes pode ser interpretada como relativamente alta, porém, o nível educacional mostrou-se discrepante da realidade brasileira. Recomendamos que futuras pesquisas busquem ampliar a variedade de participantes, inclusive verificando se há distinção do funcionamento psicométrico do DSQ em níveis educacionais ou socioeconômicos diversificados.

Além disso, mesmo que o DSQ inclua diversos mecanismos de defesa, percebe-se que mecanismos patológicos (como projeção delirante e distorção) não estão presentes. Portanto, para avaliação de transtornos severos da personalidade, talvez o DSQ precise ser atrelado a outras medidas que investiguem o funcionamento psicopatológico. Inclusive, estudos do DSQ em amostras clínicas poderiam elucidar a distribuição dos mecanismos nas três categorias. Por exemplo, a negação é, a princípio, considerada como um mecanismo patológico, mas no DSQ aparece como Imaturo; a racionalização é teoricamente considerada como mecanismo neurótico, mas no DSQ é referido como Maduro.

É importante destacar a necessidade de estudos continuados (como acontece com qualquer método de coleta de informação psicológica). Não obstante, o DSQ apresentou evidências de validade positivas, relacionando-se com outras medidas de saúde mental na magnitude e direção esperadas. Os resultados obtidos sugerem que o DSQ pode desempenhar papel complementar em protocolos avaliativos que investiguem funcionamento emocional e adaptativo. Diferentemente de instrumentos focados exclusivamente em sintomatologia, o DSQ permite uma leitura estrutural do modo como o indivíduo organiza sua experiência interna frente a conflitos e estressores, aproximando-se mais das escalas de traços de personalidade. Assim, sua utilização pode contribuir para formulações de caso mais abrangentes, especialmente quando integrada a medidas de regulação emocional, qualidade de vida e indicadores de sofrimento psíquico.

Por fim, o presente estudo ilustra a possibilidade de articulação entre tradição clínica e metodologia quantitativa. Ao operacionalizar derivados conscientes de processos defensivos, o DSQ permite que um conceito historicamente ancorado na escuta clínica seja examinado sob parâmetros psicométricos contemporâneos. Tal movimento não elimina a complexidade do fenômeno defensivo, tampouco reduz sua dimensão dinâmica; ao contrário, oferece uma via complementar para sua investigação. A convergência observada entre estilos defensivos e indicadores de saúde mental reforça que construtos psicodinâmicos podem dialogar com modelos contemporâneos de bem-estar e regulação emocional, ampliando a cientificidade do campo (Bornstein, 2001; McWilliams, 2014; Shedler, 2010).

REFERÊNCIAS

- Andrade, M., & Shirakawa, I. (2006). Versão brasileira do Defense Style Questionnaire (DSQ) de Michael Bond: Problemas e soluções. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 28(2), 144–160. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082006000200007>
- Andrews, G., Singh, M., & Bond, M. (1993). The Defense Style Questionnaire. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 181(4), 246–256. <https://doi.org/10.1097/00005053-199304000-00006>
- Barroso, S. M., Andrade, V. S., Midgett, A. H., & Carvalho, R. G. N. (2016). Evidências de validade da Escala Brasileira de Solidão UCLA. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 65(1), 68–75. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000105>
- Blaya, C., Dornelles, M., Blaya, R., Kipper, L., Heldt, E., Isolani, L., Gus Manfro, G., & Bond, M. (2007). Brazilian-Portuguese version of Defensive Style Questionnaire-40 for the assessment of defense mechanisms: Construct validity study. *Psychotherapy Research*, 17(3), 261–270. <https://doi.org/10.1080/10503300500485581>
- Bornstein, R. F. (2001). The impending death of psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 18(1), 3–20. <https://doi.org/10.1037/0736-9735.18.1.2>
- Carvalho, L. F., Primi, R., & Pessotto, F. (2014). Aplicação da TRI na versão brasileira do Defensive Style Questionnaire (DSQ). *Psicologia Argumento*, 32(79), 85–96. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.S01.AO08>
- Colombarolli, M. S., Zuanazzi, A. C., Miguel, F. K., & Giromini, L. (2019). Psychometric properties of the Toronto Alexithymia Scale (TAS-20) in Brazil. *Transcultural Psychiatry*, 56(5), 992–1010. <https://doi.org/10.1177/1363461519847312>
- Cramer, P. (2000). Defense mechanisms in psychology today: Further processes for adaptation. *American Psychologist*, 55(6), 637–646. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.6.637>
- Di Giuseppe, M., & Perry, J. C. (2021). The hierarchy of defense mechanisms: Assessing defensive functioning with the Defense Mechanisms Rating Scales Q-Sort. *Frontiers in Psychology*, 12, 718440. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.718440>
- Di Giuseppe, M., Perry, J. C., Conversano, C., Gelo, O. C. G., & Gennaro, A. (2020). Defense mechanisms, gender, and adaptiveness in emerging personality disorders in adolescent outpatients. *Journal of Nervous & Mental Disease*, 208(12), 933–941. <https://doi.org/10.1097/NMD.0000000000001230>
- Fleck, M. P. A., Louzada, S., Xavier, M., Chachamovich, E., Vieira, G., Santos, L., & Pinzon, V. (2000). Aplicação da versão em português do instrumento abreviado de avaliação da qualidade de

vida "WHOQOL-bref." *Revista de Saúde Pública*, 34(2), 178–183. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102000000200012>

Freud, A. (1936/2006). Os mecanismos de defesa. In *O ego e os mecanismos de defesa* (pp. 37–43). Artmed.

Martin, L., Hargitai, R., Hupuczí, E., Rózsa, S., Birkás, B., Varga, J., Tiringér, I., Hartung, I., & Kállai, J. (2019). Defense Style Questionnaire (DSQ-40): Factors, validity and reliability. *Psychiatria Hungarica*, 34(1), 19–33. PMID:31074420

McWilliams, N. (2014). *Diagnóstico psicanalítico: Entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico*. Artmed.

Miguel, F. K. (2021). *BOLIE: Bateria Online de Inteligência Emocional*. Vetor.

Shedler, J. (2010). The efficacy of psychodynamic psychotherapy. *American Psychologist*, 65(2), 98–109. <https://doi.org/10.1037/a0018378>

Vaillant, G. E. (1994). Ego mechanisms of defense and personality psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, 103(1), 44–50. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.103.1.44>

Westen, D., Shedler, J., & Bradley, R. (2006). A prototype approach to personality disorder diagnosis. *American Journal of Psychiatry*, 163(5), 846–856. <https://doi.org/10.1176/ajp.2006.163.5.846>

Zanon, C., Bardagi, M. P., Layous, K., & Hutz, C. S. (2014). Validation of the Satisfaction with Life Scale to Brazilians: Evidences of measurement noninvariance across Brazil and US. *Social Indicators Research*, 119(1), 443–453. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0478-5>


Zanon, C., & Hutz, C. S. (2014). Escala de afetos positivos e negativos. In C. S. Hutz (Ed.), *Avaliação em psicologia positiva* (pp. 63–68). Artmed.

CONFLITOS DE INTERESSES

Não há conflitos de interesses.


SOBRE OS AUTORES

Amanda Barbosa Ferrador é psicóloga formada pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise (NEPP/UFSCar). Especialista em Teorias e Técnicas Psicanalíticas pelo Instituto de Estudos Psicanalíticos de Ribeirão Preto (IEP-RP). Psicóloga clínica, com enfoque na psicoterapia de abordagem psicanalítica, de crianças, adolescentes e adultos. E-mail: amandaferrador@estudante.ufscar.br

 <https://orcid.org/0000-0002-1159-6554>

Fabiano Koich Miguel possui graduação em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2002) e especialização em Psicologia do Trânsito pela Universidade Cruzeiro do Sul (2003). Concluiu mestrado (2006) e doutorado (2010) em Avaliação Psicológica pela Universidade São Francisco, com doutorado-sanduíche na Universidade de Évora (Portugal) e na University of Toledo (EUA). Tem experiência em clínica e na área acadêmica, atuando principalmente com os seguintes temas: construção de instrumentos, inteligência emocional e personalidade, testagem adaptativa informatizada. Foi professor associado da Universidade Estadual de Londrina (UEL) no período 2010–2020, e atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É parecerista ad hoc da Comissão Consultiva em Avaliação Psicológica do Conselho Federal de Psicologia, sendo também membro da Comissão em 2013. Foi pesquisador convidado na Università degli Studi di

Torino (Itália) em 2015-2016 e na University of Toledo (EUA) em 2018, onde fez pós-doutorado. E-mail: fabianokoichmichel@ufscar.br

 <https://orcid.org/0000-0003-2498-692X>